



Departamento de Letras
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –
CEP 317131-001 - Brasil

Análise das traduções das bebidas encontradas no conto “The Dead” de James Joyce

Maria Cândida Figueiredo Moura da Silva

Emily Arcego

Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET – UFSC)

Resumo

As bebidas possuem representatividade na cultura irlandesa e se inscrevem como um traço intrínseco a esta cultura, ou seja, um *culturema*. Busca-se, neste artigo, fazer uma análise linguística quantitativa de um vocabulário de bebidas a partir do conto *The Dead* (1914), de James Joyce. A análise evidenciou que houve maior incidência de domesticação ou estrangeirização desses *culturemas* quando traduzidos para o português brasileiro. Ressalta-se que a composição deste *corpus* linguístico ocorreu manualmente e foi extraído das traduções do conto de Joyce feitas até meados de 2019. Fazem parte desta análise as retraduições de Trevisan (1992), O’Shea (1993; 2012), Braga (2012), Galindo (2013; 2018), Marques (2014) e Tadeu (2016).

Palavras-chave: James Joyce. *The Dead*. Linguística de *Corpus*. Domesticação. Estrangeirização.

Submetido em: 31/03/2021

Aceito em: 24/11/2021

Publicado em: 30/12/2021



Departamento de Letras
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –
CEP 317131-001 - Brasil

Maria Cândida Figueiredo Moura da Silva



Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (PGET - UFSC) com bolsa Capes Excelência desde 2018/1. Mestra em Estudos da Tradução pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade de Brasília (POSTRAD-UnB), graduada em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação pela mesma universidade. Seus principais interesses de pesquisa são: Lexicografia, Terminologia, Tradução e Turismo, Tradução Funcionalista e Folclore.



<http://lattes.cnpq.br/3511043590385203>



<https://orcid.org/0000-0003-1467-8384>



[Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina \(PGET – UFSC\)](#)



Departamento de Letras
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –
CEP 317131-001 - Brasil



Emily Arcego

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET/UFSC) e bolsista CAPES Excelência. Mestra em Estudos da Tradução (PGET/UFSC). Possui Licenciatura em Letras Português/Inglês e Respectivas Literaturas pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Campus Erechim (2011). Especialização em Tradução pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2015). Possui experiência na área de Letras/ Inglês, atua principalmente nos seguintes temas: ensino de língua inglesa, tradução e revisão. Membro do grupo de pesquisa Pedagogia e didática da tradução e interpretação (PEDITRADI).



<http://lattes.cnpq.br/5141865458807394>



<https://orcid.org/0000-0002-6215-3980>



Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET – UFSC)



ANÁLISE DAS TRADUÇÕES DAS BEBIDAS ENCONTRADAS NO CONTO THE DEAD DE JAMES JOYCE

Maria Cândida Figueiredo Moura da Silva – PG Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET – UFSC¹)

Emily Arcego – PG Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET – UFSC²)

Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar uma análise quantitativa de um *corpus* de traduções e retraduições do conto de James Joyce, intitulado *The Dead*, que faz parte da obra *Dubliners*³. A justificativa para esta análise se dá pela importância de observar os processos tradutórios como forma de entendê-los e desenvolvê-los. Baker (1993, p. 234, tradução nossa⁴) enfatiza que:

textos traduzidos documentam eventos comunicativos genuínos e não são nem inferiores nem superiores aos outros eventos de comunicação em qualquer língua. No entanto, eles são diferentes, e a natureza dessa diferença precisa ser explorada e registrada.

¹ e-mail: maria.fms@hotmail.com

² e-mail: arcegoemily@gmail.com

³ Este trabalho é um recorte da pesquisa de mestrado defendida por Emily Arcego (2019), financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, na Universidade Federal de Santa Catarina, versa sobre a análise de processos tradutórios de uma obra literária específica.

⁴ Translated texts record genuine communicative events and as such are neither inferior nor superior to other communicative events in any language. They are however different, and the nature of this difference needs to be explored and recorded.



Desse modo, ao considerar a autenticidade de tais eventos, optamos por analisar elementos que são, muitas vezes, intrínsecos aos hábitos de uma cultura, como é o caso das bebidas. Levando em conta que as bebidas possuem uma representatividade de destaque na Irlanda, consideramos relevante esse segmento para compor a presente análise, bebidas essas que chamaremos de culturemas. A escolha pelo conto *The Dead* ocorreu justamente porque o enredo acontece em uma festa e, portanto, presume-se que haja uma frequência pertinente de nomes de bebidas.

Os culturemas são, por definição, noções específicas de cultura de um país ou de uma esfera cultural, e muitos deles têm uma estrutura semântica e pragmática complexa. Os culturemas também são unidades de comunicação que devem necessariamente ser levados em conta e inventariados em dicionários ad hoc. Por meio desses dicionários, não só você pode fazer um estudo comparativo de culturemas importantes nas diferentes línguas do mundo, mas também fazer uma contribuição significativa para o ensino de línguas (nível avançado) e tradução. Como se sabe, uma das armadilhas importantes da tradução são os culturemas, e por meio de um estudo comparativo você estará em posição de encontrar soluções apropriadas em cada caso (Luque Nadal 2009, p. 95, tradução nossa⁵).

Partindo desse viés, observaremos a inserção dos culturemas relacionados às bebidas que são apresentadas dentro do conto. A partir disso, analisaremos suas retraduições considerando características socioculturais em comum e díspares entre a cultura irlandesa e a brasileira.

O método de análise do vocabulário de bebidas do conto joyciano terá como base duas disciplinas que há tempos vêm trabalhando em conjunto: os Estudos da Tradução e

⁵ Los culturemas son, por definición, nociones específico-culturales de un país o de un ámbito cultural y muchos de ellos poseen una estructura semántica y pragmática compleja. Los culturemas son también unidades de comunicación que necesariamente han de ser tenidas en cuenta e inventariadas en diccionarios ad hoc. Mediante estos diccionarios no solamente se podrá hacer un estudio comparado de los culturemas importantes en las distintas lenguas del mundo, sino que se hará también una contribución significativa a la enseñanza de lenguas (a nivel avanzado) y a la traducción. Como es sabido, uno de los escollos importantes de la traducción son los culturemas, y mediante un estudio comparativo se estará en disposición de encontrar soluciones adecuadas en cada caso.



a Linguística de *Corpus*. Esta última tem oferecido contribuições para investigações em tradução, haja vista que permite uma observação de dados reais e empíricos que são encontrados nos textos traduzidos. A análise partiu, em um primeiro momento, da extração manual dos culturemas. Em seguida, foi observado seu contexto utilizando a ferramenta *concordance* do programa *AntConc* como forma de caracterização dos segmentos. Por último, foram contabilizadas as escolhas tradutórias e quantificados os processos de retradução utilizados considerando o conceito de domesticação e estrangeirização descrito por Venuti (1995).

Uma vez que a primeira tradução do conto *Dubliners* foi feita por Tristão da Cunha em 1942 e não possui todos os culturemas que desejamos investigar, compõem o *corpus* de análise deste artigo as retraduições feitas por Hamilton Trevisan (1992), José Roberto Basto O’Shea (1993; 2012), Guilherme da Silva Braga (2012), Caetano Waldrigues Galindo (2013; 2018), Eduardo Marks de Marques (2014) e Tomaz Tadeu (2016). Dessa forma, consideramos todos os processos tradutórios feitos após 1942, como retraduições, isto é, “uma nova tradução, *dentro de uma mesma língua*, de um texto já traduzido completamente ou em parte” (Gambier, 1994, p. 413 apud Amaral, 2019, p. 242).

Por fim, salientamos uma atenção especial à classificação dos culturemas e ao processo de retradução de dois tradutores, O’Shea (1993; 2012) e Galindo (2013; 2018), para que se possa verificar se as escolhas tradutórias foram mantidas, modificadas ou adaptadas ao longo dos anos.

1 Apresentação do conto *The Dead* e das traduções

O conto *The Dead* foi escrito em 1914 e publicado no livro *Dubliners* juntamente com mais catorze contos. Durante a narrativa, a qual acontece em uma festa, James



Joyce retrata uma Irlanda caricata, expondo críticas a essa sociedade por meio de narrativas, como por exemplo, quando Gabriel, chamado por Miss Ivors de Bretão do Oeste, afirma que está farto de seu país e que o irlandês não é seu idioma. Entende-se, por meio desse enunciado, que o futuro e a modernidade se encontram na Inglaterra e, por esse motivo, o personagem prefere passar as férias no continente.

Fica nítido que, nos quinze contos da obra *Dubliners*, Joyce expunha, por meio de sua escrita meticulosa e perspicaz, uma temática muito além de seu tempo. Um bom exemplo disso é a ascensão feminina encontrada também no conto que compõe a análise linguística deste artigo. Como exemplo citamos o caso da personagem Miss Ivors que possui um perfil revolucionário e sai mais cedo da festa para frequentar a reunião sindicalista.

É possível inferir que todos esses elementos influenciaram para que outros países tivessem conhecimento da escrita de Joyce por meio dos processos tradutórios. A primeira tradução do conto *The Dead* para o português brasileiro foi feita por Tristão da Cunha em 1942, no entanto, por ser uma tradução incompleta, ou seja, o conto encontra-se traduzido da metade para o final e não abarca todos os culturemas referentes às bebidas analisadas nesse *corpus*, optamos por não a incluir neste artigo.

A primeira tradução do livro *Dubliners* foi realizada por Hamilton Trevisan, sob o título *Dublinenses*, publicada pela editora Civilização das Letras, em 1964, como parte da Coleção Grandes Clássicos. Considera-se a primeira tradução da obra total feita por Trevisan, que também representa um fenômeno de retradução do conto *The Dead*, já que este foi traduzido pela primeira vez em 1942.

Na primeira versão de *Dubliners*, a capa retrata a vida cotidiana da capital da Irlanda, com ônibus, locais abertos, pedestres; parece uma fotografia que se assemelha



a uma pintura envelhecida. Posteriormente, houve reedições dessa mesma obra com outras capas. Uma delas também apresenta a cidade de Dublin, porém à noite, com luminosos fluorescentes que remetem a lugares mais boêmios. Há ainda outra que apresenta um desenho de Joyce entrelaçado com a escrita de seu nome em azul na vertical, em fundo branco. É importante mencionar que nenhuma das edições possui o nome do tradutor na capa.

A primeira tradução de *Dubliners* foi feita em 1993 por José Roberto O’Shea, impressa pela Editora Siciliano no mesmo ano. Assim como Trevisan (1964), O’Shea (1993) também optou por manter *Dublinenses*. Ao analisar o paratexto da capa, a imagem que se pode ver é de três pessoas de costas correndo em direção a um ambiente aberto, que ora parece um campo, ora parece o mar. Um fato pertinente a ser considerado é que, nesta obra, o nome do tradutor também não está na capa.

Ao analisarmos a tradução feita por O’Shea (2012) pela Editora Hedra, nota-se que muita coisa mudou. O livro apresenta-se como uma versão de colecionador, ou seja, uma edição especial mais clássica, com tamanho maior e, em sua capa, está o nome do autor. Ademais, é possível ver o nome do tradutor na capa, fato este relacionado à visibilidade do tradutor. Torna-se, então, plausível refletir se o tradutor está na frente porque é considerado um tradutor consagrado ou se isso faz parte da política editorial.

Em 2012, também surgiu uma tradução de *Dublinenses* feita por Guilherme da Silva Braga, uma versão de bolso publicada pela L&PM. A partir disso, pode-se inferir que por ser uma obra mais acessível e por seu formato possuir algumas limitações, como, por exemplo, menos notas de rodapé, imagens e um espaço textual compacto. Assim como a de Trevisan (1964), esta não traz o nome do tradutor na capa. Outra semelhança com a primeira tradução, de 1964, é uma fotografia de Dublin, mas, dessa vez, da ponte de pedestres, Ha’penny Bridge, em um crepúsculo.



Caetano Waldrigues Galindo traduziu pela primeira vez o conto *The Dead* em 2013, além de uma obra à parte com os demais contos. Essa edição foi publicada pela Companhia das Letras e integra a coleção Penguin. A partir da observação dos paratextos, percebe-se que a obra possui uma capa neutra, apenas com o nome do conto, *Os Mortos*, seu respectivo autor e a identificação editorial. Assim como em dois exemplos já mencionados, o nome do tradutor não está na capa.

Entretanto, em 2018, Galindo traduziu a obra completa *Dubliners* e fez uma nova retradução do conto *The Dead*. Assim, ao comparar as edições de 2013 e 2018, nota-se que a última versão possui uma capa mais elaborada – nas cores branco, verde e alaranjado, que remetem à bandeira irlandesa, e com um design mais rebuscado nas letras. Por mais que a versão completa de *Dubliners* também faça parte da coleção Penguin, da editora Companhia das Letras, ela está especificada como uma edição clássica, ou seja, possui um tamanho maior e um formato mais sofisticado. No entanto, o nome do tradutor também não está escrito na capa.

A editora Grua publicou, em 2014, o livro *Os Mortos*, retraduzido por Eduardo Marks de Marques. Porém, ao contrário da versão de Galindo (2013), essa edição não faz parte de uma coleção. Possui uma capa simples toda cinza com o nome de Joyce escrito em preto e não apresenta o nome do tradutor. O que difere essa retradução das demais é que ela possui inúmeras notas para complementar a tradução.

Por fim, o último tradutor que fará parte desta análise é Tomaz Tadeu, que retraduziu o conto *Os Mortos* pela Editora Autêntica, em 2016, em uma antologia bilíngue, na qual apresenta o nome do tradutor na capa. Além disso, a editora optou por uma ilustração que retrata a mesa de jantar, o que representa um dos momentos mais



importantes da narrativa do conto *The Dead*, quando o personagem Gabriel faz seu discurso.

Salientamos que todas as obras descritas anteriormente fazem parte deste estudo, tanto as parciais (quando há somente a retradução do conto) quanto as obras completas (*Dubliners*). Consideraram-se todas as retraduições completas do conto *The Dead* vertidas para o português brasileiro até então (2019), exceto a tradução feita por Tristão da Cunha (1942), por estar incompleta. Ademais, para eleger a cronologia tradutória, utilizaram-se o estudo de Vitor Alevato do Amaral (2013) e as informações de Denise Bottmann, que apresenta em seu blog “Não gosto de plágio” a historiografia das retraduições.

2 A domesticação e a estrangeirização como metodologia de análise

Esta seção destina-se a conceituar os métodos tradutórios que servirão como embasamento teórico à análise linguística, isto é, os conceitos de domesticação e estrangeirização, popularizados e nomeados por Lawrence Venuti em meados dos anos de 1990. Porém, antes mesmo de Venuti (1995) denominá-los com essa nomenclatura, Friedrich Schleiermacher (1813) apresentou-os em seu ensaio: *Sobre os diferentes métodos de tradução* (Schleiermacher, 2010). Neste ensaio, ele discute o papel do tradutor e os caminhos possíveis: domesticar ou estrangeirizar.

Porém, apenas nos anos de 1990 a teoria foi mais bem embasada por Venuti (1995) que ficou conhecido mundialmente ao compor seu livro teórico intitulado *The translator's invisibility: A history of translation* (1995), no qual aborda questões sobre os Estudos da Tradução, e entre os temas está a (in)visibilidade do tradutor, referindo-se diretamente ao contexto dos tradutores estadunidenses.



Segundo o autor, independentemente de ser um texto redigido em inglês britânico, este somente é aceitável pelos editores do mercado dos Estados Unidos quando for fluente, sem marcas linguísticas estrangeiras, criando um efeito ilusório de transparência, ao ponto de assumir uma faceta de língua materna (Venuti, 1995).

Ele defende a tradução estrangeirizadora como um alicerce de enriquecimento cultural para o leitor e denuncia o mercado editorial norte-americano que apaga as marcas estrangeirizadoras da tradução para que o texto pareça escrito em língua materna, ou seja, em inglês americano. A partir disso, esse fenômeno domesticador apaga também o trabalho do tradutor, por não parecer uma tradução e, principalmente, porque não deixa rastros do texto de partida. Em suma, a domesticação funciona como um processo de alienação. “A ‘invisibilidade’ do tradutor é, portanto, uma auto-aniquilação estranha, uma maneira de conceber e praticar tradução que, sem dúvida, reforça seu status marginal na cultura anglo-americana” (Venuti, 1995, p. 8, tradução nossa⁶).

A crítica de Venuti (1995), quando se refere à invisibilidade do tradutor, aponta a tradução domesticadora como responsável por apenas favorecer o significado do texto e de seu autor. Além disso, a domesticação peneira palavras e expressões estrangeiras e censura o contato do leitor com outros conhecimentos de mundo, incluindo variações linguísticas. No entanto, há um interesse, por meio dessa imposição, em uma tradução invisível e transparente atuando como parte de uma teoria cultural etnocêntrica e hegemônica, para que o tradutor continue sendo um subordinado do autor. Além disso, a crítica de Venuti não apenas abrange o lado do tradutor, mas se dirige também à busca por favorecer a cultura de chegada, o público leitor. “A tradução estrangeira em inglês pode ser uma forma de resistência contra o etnocentrismo e o racismo, o narcisismo

⁶ The translator's invisibility is thus a weird self-annihilation, a way of conceiving and practicing translation that undoubtedly reinforces its marginal status in Anglo-American culture.



cultural e o imperialismo, no interesse das relações geopolíticas democráticas” (Venuti, 1995, p. 20, tradução nossa⁷).

Ademais, Venuti (1995) posiciona-se contra a domesticação porque esta prejudica a competência de autonomia leitora, isto é, como não há terminologias ou passagens que causem estranhamentos ou dúvidas, o sujeito torna-se um leitor passivo, sempre em sua zona de conforto. Dessa forma, essa marginalidade cultural culmina em um processo xenofóbico e de censura. Assim, a crítica central de Venuti (1995) busca a visibilidade do tradutor por meio de uma tradução que possua traços estrangeirizadores identificáveis e que enriqueça a cultura alvo por meio de conhecimentos de outra cultura, de valores, ideologias e aspectos peculiares de outro país. Esse estranhamento, segundo o autor, causa um impacto positivo, porque, além de enriquecer o conhecimento de quem lê, desloca valores e concepções sem que haja um filtro, tornando o leitor um cidadão mais autônomo em seu processo de leitura e cognição.

Por meio desta análise linguística das bebidas, intenta-se não apontar acertos ou erros, mas verificar as metodologias tradutórias utilizadas no quesito domesticador ou estrangeirizador, buscando relacionar os resultados encontrados com a tendência mercadológica brasileira.

3 A linguística de *corpus* como metodologia de análise das retraduições

A Linguística de *Corpus*, como matéria, tem se demonstrado cada vez mais valiosa para os estudos da linguagem. Suas contribuições que antes eram restritas hoje são cada vez mais fundamentais nos processos de análise de traduções. Bem como afirmou Tagnin

⁷ Foreignizing translation in English can be a form of resistance against ethnocentrism and racism, cultural narcissism and imperialism, in the interests of democratic geopolitical relations.



(2015, p. 19), “a Linguística de *Corpus* é uma abordagem empírica para o estudo da língua, em suas diversas dimensões, como, por exemplo, na sintaxe, no léxico e no discurso.” Em outras palavras, ela abre espaços e possibilidades para observações práticas do uso da língua e, portanto, dos mais diversos contextos culturais de uma sociedade.

Ainda como definição da Linguística de *Corpus*, Berber Sardinha (2004, p. 3) expõe que “ela ocupa-se da coleta e da exploração de corpora, ou conjunto de dados linguísticos textuais coletados criteriosamente, com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística.” Assim, ela se desdobra como ferramenta valiosa para estabelecer critérios e sistematizar os processos de análise de diversos materiais linguísticos, inclusive das traduções.

No que concerna à aplicação da Linguística de *Corpus* no campo prático da tradução observamos que há ainda dificuldades reais que fazem com que essa junção ocorra de maneira lenta através dos anos. Como apontado por Berber Sardinha (2002, p. 18), existem três razões pelas quais esse relacionamento se dá de maneira simples. Segundo o autor, a primeira razão está relacionada ao preconceito que os linguistas ainda possuem no que tange a autenticidade e não representatividade dos textos traduzidos. A segunda, por sua vez, se transcreve na conflituosa relação entre a tradução e os Estudos Linguísticos, de maneira geral derivada de crenças antiquadas sobre teoria e prática. Por fim, a terceira razão apresentada por Berber Sardinha (2002: 20) está diretamente relacionada com a tecnologia, sobre a qual nos debruçaremos um pouco mais.

Bem como apontado em Berber Sardinha (2002, p. 20), a Linguística de *Corpus* e a tradução encontram dificuldades de se relacionarem especialmente no que compete a tecnologia. Com relação a essa última, o autor destaca dois pontos: i) o difícil acesso aos



córpore paralelos e/ou comparáveis; ii) a restrição de uso e acesso aos programas de computador que fornecem subsídios para a tradução.

Dessa forma, sublinhamos a dificuldade não apenas em encontrar meios para processar os dados provenientes dos corpore de tradução, como também o acesso a materiais não informatizados. Por vezes os pesquisadores dos estudos da tradução se deparam com a indisponibilidade de obras em formato digital ou mesmo de obras que sejam acessíveis para programas de computador que facilitem o processamento de dados. Frequentemente são utilizadas obras disponíveis apenas em meio físico, o que não impossibilita o trabalho de processamento, mas dificulta uma maior ampliação do estudo ou mesmo o acesso a imagens sobre o processo.

No entanto, entendemos que, para que haja um avanço nas relações entre a Linguística de *Corpus* e a tradução, é preciso seguir desempenhando trabalhos que convirjam nessas duas áreas a fim de estreitar os laços preestabelecidos. Desse modo, para o presente estudo, foi criado um *corpus* paralelo composto pela obra original e suas retraduições. Esse modelo foi escolhido, pois esse tipo de *corpus* permite que os tradutores possam superar dificuldades de tradução na prática e valer-se de evidências para fornecer modelos autênticos para futuros tradutores (Baker, 1995, p. 230 e 231).

O *corpus* aqui utilizado foi construído a partir da versão original em inglês do conto *The Dead* (1996), de James Joyce e das retraduições realizadas por Trevisan (1992), O’Shea (1993; 2012), Braga (2012), Galindo (2013; 2018), Marques (2014) e Tadeu (2016).

A extração do material de análise se deu de forma manual, pois foi realizada a leitura em conjunto com a anotação das palavras caracterizadas como bebidas, haja vista que nem todos os textos estavam disponíveis em formato digital. Essas palavras foram então listadas em um arquivo Word e selecionadas todas as frases nas quais elas



apareciam. Neste ponto, por se tratar de uma análise de um grupo de palavras específicas, as quais já tínhamos a hipótese de que apareceriam com certa frequência no *corpus*, não foram consideradas ou contabilizadas as frequências de aparição dos *tokens* dentro do *corpus*, no entanto foi verificado se havia mudança na grafia.

Para dar segmento, as frases com os nomes de bebidas foram transpostas para um arquivo de bloco de notas, o qual permitiu o processamento no programa *AntConc*. Desse modo, foi utilizada a ferramenta *concordance* do programa em questão como forma de visualizar a ocorrência dessas palavras no contexto. Assim, verificamos as ocorrências nas frases, tanto no original em inglês, quanto nas retraduições para o português brasileiro o que permitiu dar continuidade à análise das bebidas e verificar se os processos de retradução das mesmas partiram da domesticação ou da estrangeirização segundo Venuti (1995).

Na seção seguinte, detalharemos, por meio de quadros e figuras, as escolhas realizadas pelos tradutores em cada uma das obras analisadas fazendo correlação com o texto original em inglês. Conseqüentemente, apresentaremos ainda resultados quantitativos.

4 Análise tradutória do vocabulário de bebidas do conto *The Dead*

Esta seção demonstra os resultados obtidos por meio da comparação e análise dos processos tradutórios do vocabulário de bebidas do conto *The Dead*, de Joyce. Para tanto, os dados serão expostos através de quadros como forma de auxiliar na compreensão. Cada quadro está composto pelo nome do tradutor, sua respectiva retradução e os gráficos, que apresentam as ocorrências encontradas e suas porcentagens. Por meio desses dois recursos, será possível visualizar e compreender



quando há incidência dos processos tradutórios descritos por Venuti (1995), domesticação e estrangeirização

A partir deste viés, procurou-se fazer uma analogia entre a dicotomia domesticação e estrangeirização, juntamente com outras fontes, como por exemplo, dicionários, teóricos e materiais relacionados ao contexto brasileiro e irlandês. No entanto, reiteramos que o conceito descrito por Venuti (1995) direciona-se apenas ao contexto da política editorial estadunidense e, por isso, expomos aqui nosso ponto de vista perante as fontes consultadas mediante a dificuldade de fazer a classificação entre domesticação e estrangeirização. Diante do processo de escolha entre o que abarca uma tradução domesticadora e estrangeirizadora no que diz respeito ao contexto brasileiro, visualizamos que a teoria venutiana pode servir de guia, no entanto não pode ser equiparada em todos os aspectos descritos acima, principalmente, quando se trata de um traço específico de uma determinada cultura.

Além disso, podemos afirmar que esse processo de categorização demandou reflexões sobre o que representa de fato o que é uma tradução domesticadora e estrangeirizadora, se a troca da grafia faz parte de um lado dessa dicotomia, se os culturemas possuem o mesmo valor e identidade nos dois países, se o período em que os tradutores estavam inseridos influenciaram em seus processos de escolha e, até mesmo, se o mercado editorial evidencia a utilização de um método ou outro.

A partir da explanação acima, apresentaremos a seguir as análises dos seguintes culturemas: *three-shilling tea*, *best bottled stout*, *refreshment*, *hop-bitters*, *ladies' punch*, *lemonade*, *whisky*, *refreshment-room*, *port*, *dark sherry*, *bottles of stout and ale* e *bottles of minerals*.

Podemos verificar, na sequência, no Quadro 1, as traduções para o culturema *three-shilling tea*.

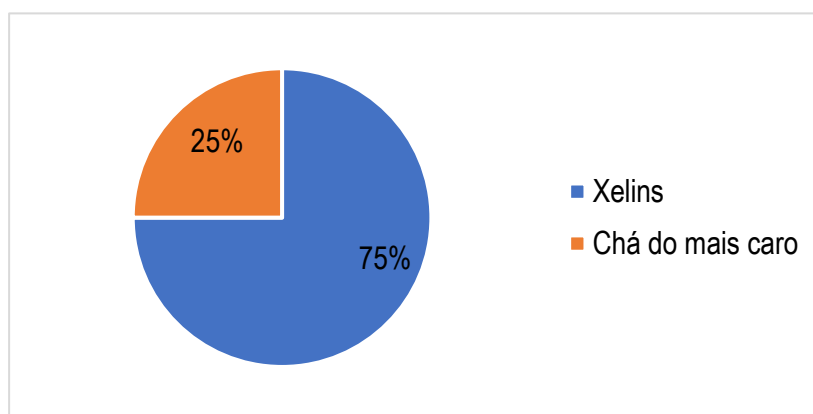


Quadro 1: *Three-shilling tea* (JOYCE, 1996, p. 200)

Tradutor	<i>Three-shilling tea</i>
Trevisan (1992)	chá de três xelins o pacote
O'Shea (1993)	chá do mais caro que havia
Braga (2012)	chás de três xelins
O'Shea (2012)	chá do mais caro
Galindo (2013)	chá de três xelins
Marques (2014)	chá de três xelins ⁸
Tadeu (2016)	chás de três xelins
Galindo (2018)	chá de três xelins ⁹

Fonte: Arcego (2019).

Figura 1: *Three-shilling tea*



Fonte: Arcego (2019).

⁸ (N.T) Mais de quatro vezes o preço normal do chá.

⁹ (N.T) Preço de chás especiais.



Sobre a expressão *three-shilling tea*, na obra *Joyce Annotated Notes for Dubliners and A Portrait of the Artist as a Young Man, Revised and Enlarged* (1981), Don Gifford afirma: “Como o preço do chá era geralmente cotado em libras e o barato era oito ou nove *pence*, esse chá a 36 *pence* de libra por quilo era considerado um chá caro, de seleção” (Gifford, 1981, p. 13, tradução nossa¹⁰). A partir da explanação de Gifford (1981), verifica-se que a terminologia *three-shilling tea* não faz menção ao sabor do chá em si, apenas reporta o indício de ser um chá requintado por seu preço. Uma vez que no Brasil não possuímos esta nomenclatura para denominar um chá específico, compreende-se o desafio do tradutor e as escolhas, pela maioria deles, pela palavra *caro* como um adjetivo referente ao chá.

A expressão *three-shilling tea* apresentou traduções peculiares e, embora não fique explícito a que chá se refere, a maioria dos tradutores optou pelo processo de estrangeirização por meio da tradução literal: “chá(s) de três xelins”. Apenas Marques (2014) e Galindo (2018) adicionaram notas de rodapé com o intuito de informar ao leitor a definição de *three-shilling tea*. O’Shea (1993; 2012) optou pela domesticação ao traduzir por “chá mais caro”. Portanto seis das oito retraduições apresentaram casos de estrangeirização.

Partindo de um viés temporal, percebeu-se que Galindo, em sua segunda retradução, utilizou um recurso paratextual, ou seja, uma nota de rodapé: “Mais de quatro vezes o preço normal do chá”, para oferecer mais informações ao leitor, enquanto O’Shea (1993; 2012) manteve sua escolha tradutória, “chá do mais caro que havia”, ao longo dos anos, embora haja um intervalo de quase vinte anos entre a primeira tradução e a segunda. Observando a Figura 1, conclui-se que 75% optaram por “chá(s) de três xelins”

¹⁰ Since the price of tea was usually quoted by the quarter pound and the inexpensive quarter pound was eight or nine pence, this tea at 36 pence per quarter pound would have been an expensive, choice tea.



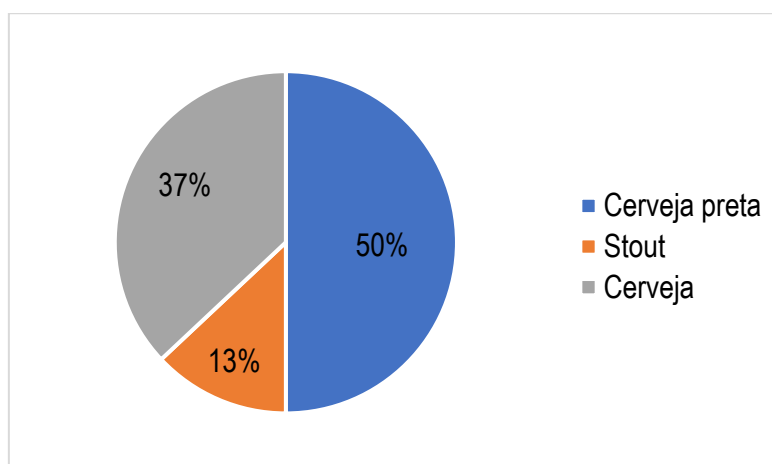
e 25% optaram por “chá do mais caro.”

Quadro 2: *Best bottled stout* (JOYCE 1996: 200)

Tradutor	<i>Best bottled stout</i>
Trevisan (1992)	cerveja engarrafada de primeira qualidade
O'Shea (1993)	melhor cerveja em garrafa
Braga (2012)	melhor <i>stout</i> engarrafada
O'Shea (2012)	melhor cerveja de garrafa
Galindo (2013)	cerveja preta engarrafada da melhor
Marques (2014)	melhor cerveja preta engarrafada
Tadeu (2016)	melhor cerveja preta de garrafa
Galindo (2018)	cerveja preta engarrafada da melhor

Fonte: Arcego (2019).

Figura 2: *Best bottled stout*



Fonte: Arcego (2019)

Diferentemente do exemplo anterior, *three-shilling tea*, o mesmo não ocorreu com *stout*, pois apenas Braga (2012) optou pelo processo de estrangeirização ao traduzir a



expressão “*best bottled stout*” por “melhor *stout* engarrafada”. Galindo (2013; 2018), Marques (2014) e Tadeu (2016) optaram pelo processo de domesticação e decidiram informar o leitor como a cerveja do tipo *stout* é, pois, além de cerveja, descrevem-na como cerveja preta. Enquanto isso, Trevisan (1992) e O’Shea (1993; 2012) domesticaram *stout* por cerveja, contabilizando oito incidências de domesticação. Conforme demonstra a Figura 2, 13% dos dados representam a estrangeirização na escolha do tradutor por “*stout*”, 37% preferiram a domesticação por “cerveja” e 50% utilizaram a domesticação por “cerveja preta”.

Entendemos que talvez tenha havido uma influência sociocultural na escolha feita por Braga (2012) haja vista que nos últimos anos as cervejas artesanais ficaram mais acessíveis aos consumidores brasileiros e algumas nomenclaturas de tipos de cerveja se tornaram mais populares. Portanto o fato de haver um possível conhecimento prévio do leitor brasileiro sobre cervejas artesanais e suas respectivas categorias pode ter influenciado o uso do estrangeirismo na escolha tradutória. Cabe ressaltar que, por ser um público ainda restrito, apenas um dos tradutores optou por essa escolha.

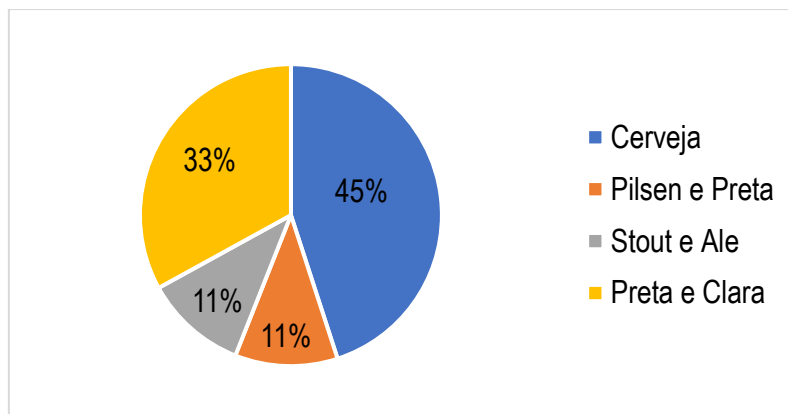
Quadro 3: *Bottles of stout and ale* (Joyce, 1996, p. 225)

Tradutor	<i>Bottles of stout and ale</i>
Trevisan (1992)	garrafas de cerveja
O’Shea (1993)	garrafas de cerveja
Braga (2012)	garrafas de <i>stout</i> e <i>ale</i>
O’Shea (2012)	garrafas de cerveja
Galindo (2013)	garrafas de cerveja preta e clara
Marques (2014)	garrafas de cerveja de vários tipos garrafas de cerveja <i>pilsen</i> e preta
Tadeu (2016)	garrafas de cerveja preta e clara
Galindo (2018)	garrafas de cerveja preta e clara

Fonte: Arcego (2019).



Figura 3: *Bottles of stout and ale*



Fonte: Arcego (2019)

O próximo segmento analisado foi *bottles of stout and ale*. Assim como foi descrito anteriormente, Trevisan (1992) e O’Shea (1993; 2012) domesticaram a expressão por “garrafas de cerveja”, não especificando para o leitor os tipos de cerveja descritos em inglês. Galindo (2013; 2018) e Tadeu (2016) optaram também pelo processo de domesticação, porém, desta vez, informando que são garrafas de “cerveja preta e clara”. Já Braga (2012) preferiu a estrangeirização, mantendo a informação em inglês garrafas de “*stout e ale*”.

Cada escolha tradutória é mantida nas duas vezes em que a expressão *bottles of stout and ale* aparece, exceto na tradução de Marques (2014), que apresenta os dois processos tradutórios, domesticação e estrangeirização. Na primeira vez em que a expressão *bottles of stout and ale* aparece no texto, ele traduz por “garrafas de cerveja de vários tipos”, não informando ao leitor os tipos de cerveja, embora tenha definido anteriormente que *stout* é cerveja preta. Porém, em um segundo momento, Marques (2014) traduz a mesma expressão por garrafas de “cerveja *pilsen* e preta”, o que



caracteriza, parcialmente, o método tradutório intitulado estrangeirização, por apresentar a grafia em itálico.

Partindo dessa premissa, houve seis casos de domesticação, um de estrangeirização e uma incidência que apresenta domesticação e estrangeirização ao mesmo tempo. Além disso, observa-se que um tradutor pode ser ora domesticador, ora estrangeirizador, e de que uma tradução pode ser parcialmente considerada domesticadora ou estrangeirizadora, demonstrando que o ato de traduzir vai além de um eixo classificatório em dois extremos. Resumindo, 45% dos tradutores optaram por “cerveja”, 33% a definem como “cerveja preta e clara” e somente 11% escolheram “*stout e ale*” e “*pilsen e preta*”.

Quadro 4: *Refreshment* (Joyce, 1996, p. 207)

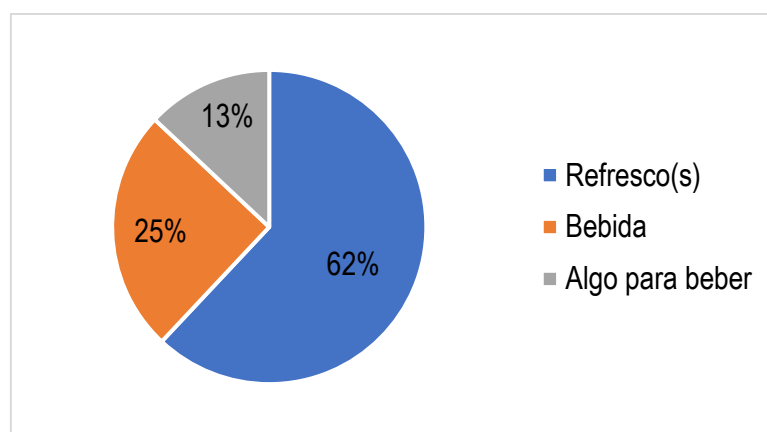
Tradutor	<i>“Julia, there’s Miss Daly and Miss Power will take some refreshment.”</i>	<i>“And may we have some refreshment, too, Miss Morkan?”</i>
Trevisan (1992)	– Júlia, a senhorita Daly e a senhorita Power gostariam de tomar um refresco.	– E nós, senhorita Morkan, podemos também nos refrescar?
O’Shea (1993)	– Julia, Miss Daly e Miss Power vão aceitar um refresco.	– Nós podemos beber alguma coisa também, Miss Morkan?
Braga (2012)	– Julia, sirva uma bebida para a srta. Daly e a srta. Power.	– Será que a sra. também poderia nos servir uma bebida, sra. Morkan?
O’Shea (2012)	– Julia, Miss Daly e Miss Power vão aceitar um refresco.	– E nós podemos beber alguma coisa, também, Miss Morkan?
Galindo (2013)	– Julia, a senhorita Daly e a senhorita Power vão querer uns refrescos.	– E será que nós também podemos tomar um refresco, senhorita Morkan?
Marques (2014)	– Julia, a Srta. Daly e a Srta. Power precisam de bebidas.	– E que tal uma bebida para nós também, Srta. Morkan?
Tadeu (2016)	– Julia, a srta. Daly e a srta. Power aceitam algo para beber.	– E nós também podemos ter algo para beber, srta. Morkan?



Galindo (2018)	– Julia, a srta. Daly e a srta. Power vão querer uns refrescos.	– E será que nós também podemos tomar um refresco, srta. Morkan?
----------------	---	--

Fonte: Arcego (2019).

Figura 4: *Refreshment*



Fonte: Arcego (2019).

Antes de fazermos um cotejo entre as traduções da palavra *refreshment*, faz-se necessário verificar as definições desse vocábulo. Assim, de acordo com *Oxford Dictionary Online* (2019, tradução nossa¹¹)

1. bebidas e pequenas quantidades de alimentos que são fornecidos ou vendidos para pessoas em um lugar público ou em um evento público
2. (formal) comida e bebida.

A palavra *refreshment* aparece duas vezes no conto *The Dead* e possui traduções diferentes. Observamos que, em nenhuma das traduções, ela se refere a um tipo específico de bebida. Na primeira vez em que é utilizada, cinco das oito traduções fazem

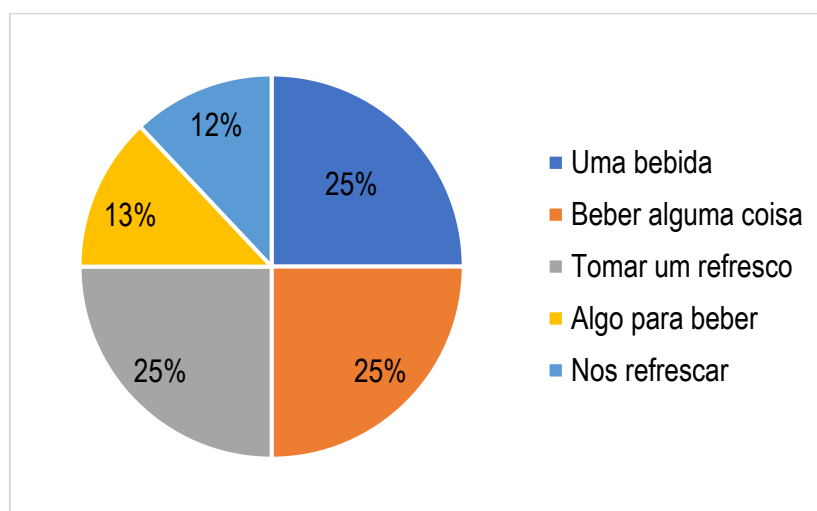
¹¹ 1. drinks and small amounts of food that are provided or sold to people in a public place or at a public event 2. (formal) food and drink.



referência a refresco(s) e representam uma forma de domesticação. Embora essa escolha não seja tão utilizada no português brasileiro coloquial atual, ela respeita a ambiguidade do seu significado ou sentido em inglês, pois *refreshment* geralmente é uma bebida sem álcool. Braga (2012) e Marques (2014) optaram pela tradução por “bebida”, ao passo que Tadeu (2016) traduziu-a por “algo para beber”, que, embora tenha uma conotação semântica domesticadora, sugere a presença de bebidas alcoólicas.

Por mais que haja divergências no processo tradutório, nota-se que todos os tradutores optaram pelo processo de domesticação e trouxeram palavras em língua portuguesa. Considerando a primeira incidência do substantivo *refreshment*, “refresco(s)” representa 62% das escolhas, “bebida” 25% e “algo para beber” 13%.

Figura 5: *Refreshment*



Fonte: Arcego (2019).

Conforme pode ser visto por meio de uma análise comparativa, na segunda vez em que há a incidência de *refreshment*, dois tradutores não a traduzem da mesma forma. Trevisan (1992) muda o substantivo refresco para o verbo refrescar, o que, de certa



maneira, troca o sentido da oração, já que, na frase em inglês, a personagem está pedindo permissão para tomar um drinque. O que chama a atenção, nesse contexto, é a tradução de Trevisan (1992, p. 161), quando um personagem, ao questionar se poderia tomar uma bebida ou um refresco, pergunta: “– E nós, senhorita Morkan, podemos também nos refrescar?”, o que perde a conotação de algo líquido e poderia ser entendido como simplesmente tomar um ar. Além disso, O’Shea (1993; 2012) faz algo semelhante à escolha de Trevisan (1992), troca refresco pelo verbo beber nas duas retraduações. Ademais, tanto O’Shea (1993; 2012) quanto Galindo (2013; 2018) mantêm as escolhas tradutórias. Por fim, considera-se, por meio da Figura 5 e dos números apresentados que, assim como na primeira incidência de *refreshment*, houve domesticação em todas as ocorrências.

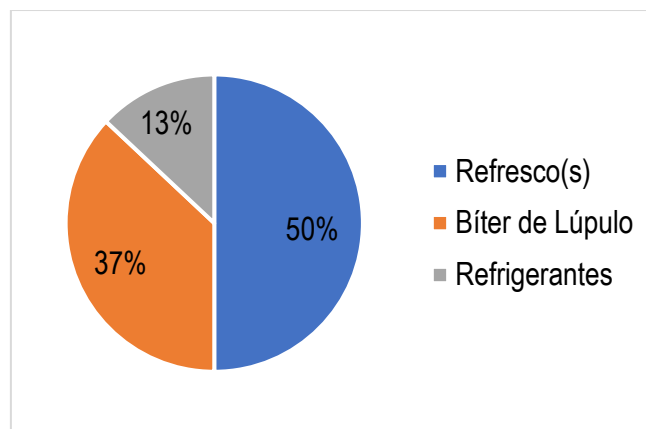
Quadro 5: *Hop-bitters* (Joyce, 1996, p. 208)

Tradutor	<i>hop-bitters</i>
Trevisan (1992)	refrescos
O’Shea (1993)	refrescos
Braga (2012)	bíter de lúpulo
O’Shea (2012)	refresco
Galindo (2013)	bíter de lúpulo
Marques (2014)	refresco
Tadeu (2016)	refrigerantes
Galindo (2018)	bíter de lúpulo

Fonte: Arcego (2019).



Figura 61: *Hop-bitters*



Fonte: Arcego (2019).

Hop-bitters, de acordo com *James Joyce's Dubliners an Annotated Edition* (1993), corresponde a “uma bebida não fermentada, similar a *Ginger Beer* do conto ‘Two Gallants’” (Jackson; Mcginley, 1993, p. 164, tradução nossa¹²). Uma vez que *hop-bitters* está relacionado com *Ginger beer*, verifica-se também sua respectiva definição: “um líquido turvo às vezes misturado com conhaque” (Jackson; Mcginley, 1993, p. 164, tradução nossa¹³). A partir dessa perspectiva, pontua-se a dificuldade de traduzir um culturema que se tornou popular no início do século XIX e que não possui uma definição exata, ora parece um destilado, ora uma cerveja.

Pode-se inferir que a não correspondência entre a bebida irlandesa com o contexto brasileiro acarretou uma dificuldade em sua tradução, e a domesticação é a tendência predominante nesse caso. Trevisan (1992) e O’Shea (1993) optaram por “refrescos” no

¹² *Hop-bitters*: An unfermented drink, like the ginger beer of ‘Two Gallants’.

¹³ A cloudy liquid sometimes with an admixture of brandy.



plural, ao passo que O’Shea, em sua retradução de 2012, e Marques (2014) optaram por “refresco”. Portanto fica evidente que O’Shea, ao fazer essa troca do plural para o singular, passou por um processo de reflexão sobre suas escolhas tradutórias e pode-se questionar como hipótese que, a partir de estudos bibliográficos ou por meio de um *corpus*, O’Shea notou que há mais incidência do uso de “refresco”.

Ademais, questiona-se se a palavra *refresco* possui a mesma representação de *hop-bitters*, já que *refresco* representa um refrigerante ou um suco, ao passo que o segundo elemento diz respeito a uma bebida alcoólica. Como Marques (2014) traduziu *Dubliners* dois anos após O’Shea (2012), pode-se inferir que a retradução de O’Shea pode ter influenciado a escolha de Marques. É importante destacar a tradução de Tadeu (2016), que segue o processo de domesticação e escolhe traduzir *hop-bitters* por “refrigerantes”. Portanto há três ocorrências de *hop-bitters* por “bíter de lúpulo” traduzidas por Braga (2012) e Galindo (2013; 2018); o último, ao contrário de O’Shea (1993; 2012), manteve sua escolha ao longo dos anos. Além disso, já que Galindo (2013; 2018) e Braga (2012) fizeram a mesma escolha, pode-se sugerir que houve contato ou pesquisa de ambas as partes no processo de retradução. Por fim, realçamos que todos os vocábulos passaram pelo processo de domesticação, o que representa 50% das escolhas por “refresco(s)”, 37% por “bíter de lúpulo” e 13% por “refrigerantes”.

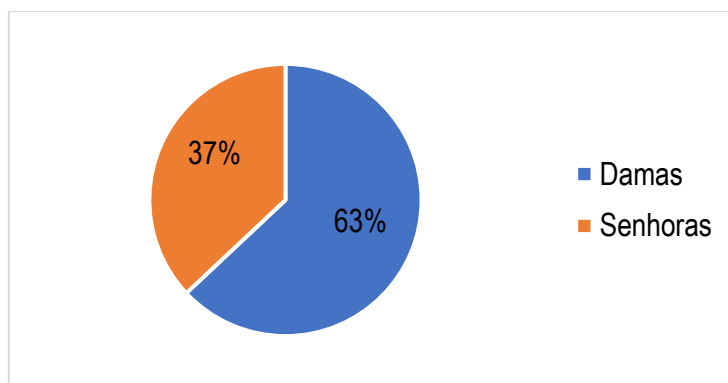


Quadro 6: *Ladies' punch* (Joyce, 1996, p. 208)

Tradutor	<i>ladies' punch</i>
Trevisan (1992)	um ponche, especial para senhoras
O'Shea (1993)	ponche especialmente preparado para as senhoras
Braga (2012)	ponche feito especialmente para as damas
O'Shea (2012)	ponche especialmente preparado para as senhoras
Galindo (2013)	ponche para damas
Marques (2014)	ponche de damas
Tadeu (2016)	ponche para damas
Galindo (2018)	ponche para damas

Fonte: Arcego (2019).

Figura 72: *Ladies' punch*



Fonte: Arcego (2019).

Ao ser analisada a expressão em inglês *ladies' punch*, percebe-se que em todas as retraduições, a bebida é para as damas ou para senhoras, exatamente o que representa a palavra *ladies*. Além disso, há uma unanimidade na tradução de *punch* por ponche. A partir das retraduições, cabe fazer uma ressalva: embora essa bebida seja conhecida no Brasil, considera-se um culturema, porque ela surgiu primeiramente na Índia e, no século



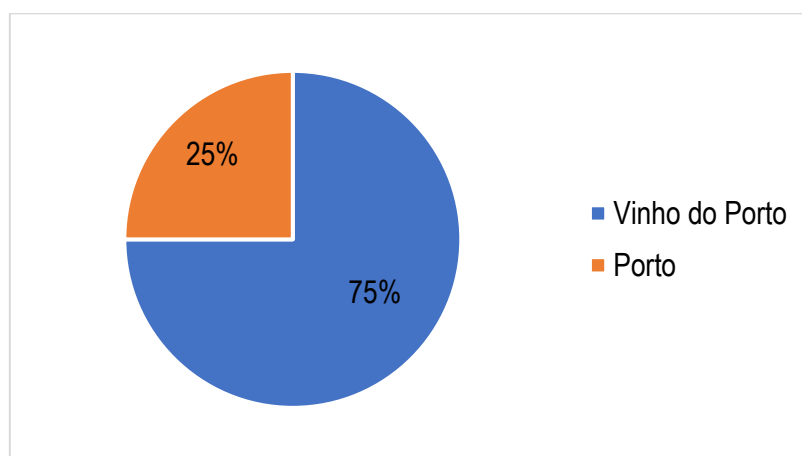
XII, foi levada para a Inglaterra, onde se tornou mais popular. Portanto, das oito retraduições, todos os tradutores optaram pelo método de domesticação, e o que as diferencia é a escolha entre “senhoras”, com 37% das incidências, e “damas”, com 63% das incidências.

Quadro 7: *Port* (Joyce, 1996, p. 225)

Tradutor	<i>Port</i>
Trevisan (1992)	Vinho do Porto
O'Shea (1993)	Vinho do Porto
Braga (2012)	Vinho do Porto
O'Shea (2012)	Vinho do Porto
Galindo (2013)	Porto
Marques (2014)	Vinho do Porto
Tadeu (2016)	Vinho do Porto
Galindo (2018)	Porto

Fonte: Arcego (2019)

Figura 8: *Port*



Fonte: Arcego (2019)



Quadro 8: *Whisky* (Joyce, 1996, p. 208)

Tradutor	<i>Whisky</i>
Trevisan (1992)	Uísque
O'Shea (1993)	Uísque
Braga (2012)	Uísque
O'Shea (2012)	Uísque
Galindo (2013)	Uísque
Marques (2014)	Uísque
Tadeu (2016)	Uísque
Galindo (2018)	Uísque

Fonte: Arcego (2019).

É possível observar, no Quadro 8, que houve unanimidade no processo de tradução de *Whisky* por Uísque nas oito retraduições. Embora a bebida seja a mesma, essa mudança na grafia de *Whisky* por “Uísque” representa que há uma tradução equivalente e que faz parte do vocabulário do português brasileiro. Assim, não é possível caracterizar a escolha como domesticação ou estrangeirização, porque se trata de uma bebida comercializada no mundo inteiro. Dessa forma, questiona-se até que ponto a mudança da grafia de fato define o método como domesticador e/ou estrangeirizador.

O mesmo processo acontece com a tradução de *Port*, em que houve um acréscimo da palavra vinho em seis retraduições, sendo que apenas Galindo (2013; 2018) traduziu como “Porto”. Independentemente de *Port* ser traduzido por “Vinho do Porto” ou só “Porto”, levanta-se a questão se realmente a alternância da grafia representa um processo domesticador ou estrangeirizador. Portanto, por mais que “Porto” represente 25% das escolhas e “Vinho do Porto” 75% delas, esses números não serão contabilizados na soma total, que busca definir a prevalência da metodologia tradutória do vocabulário de bebidas



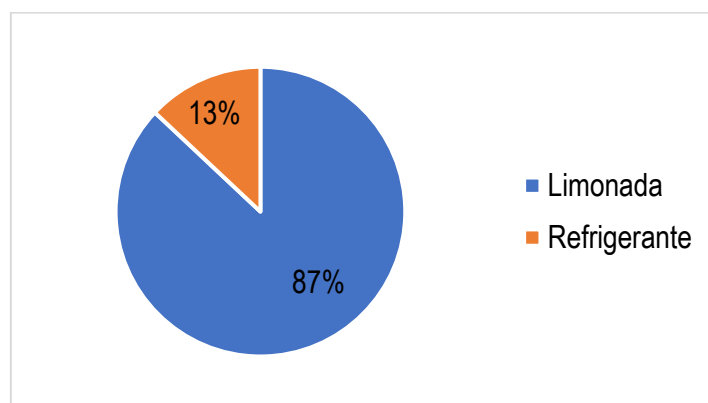
como um culturema irlandês, ou seja, tanto “Vinho do Porto” quanto “Uísque” tornaram-se populares e por isso deixam de ser culturemas específicos da cultura irlandesa.

Quadro 9: *Lemonade* (Joyce, 1996, p. 208)

Tradutor	<i>Lemonade</i>
Trevisan (1992)	Limonada
O’Shea (1993)	Limonada
Braga (2012)	Refrigerante
O’Shea (2012)	Limonada
Galindo (2013)	Limonada
Marques (2014)	Limonada
Tadeu (2016)	Limonada
Galindo (2018)	limonada

Fonte: Arcego (2019).

Figura 9: *Lemonade*



Fonte: Arcego (2019).

Ao analisarmos a tradução de *lemonade*, em sete das oito retraduições há domesticação pela equivalente limonada, somente Braga (2012) traduz a palavra por



“refrigerante”. Embora a limonada seja conhecida como uma bebida feita a partir de suco de limão, segundo a definição do Dicio, Dicionário Online de Português, é possível notar que outras acepções também são possíveis: “Bebida refrigerante ou medicamentosa em que entra suco de limão ou de outro fruto ácido” (Dicionário Online de Português, 2019). Portanto, entendemos o uso de “refrigerante” como escolha do tradutor.

Tanto limonada quanto refrigerante fazem parte da cultura brasileira, e esse fator representa, nos oito casos observados no Quadro 9, o processo de domesticação. Assim, de forma quantitativa, observa-se que a escolha por “limonada” representa 87% e “refrigerante” 13%.

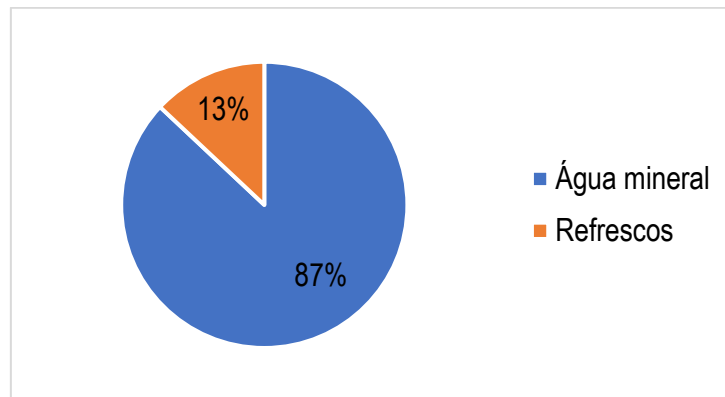
Quadro 10: *Bottles of minerals* (Joyce, 1996, p. 226)

Tradutor	<i>Bottles of minerals</i>
Trevisan (1992)	água mineral
O'Shea (1993)	garrafas de água mineral
Braga (2012)	garrafas de água mineral
O'Shea (2012)	água mineral
Galindo (2013)	água mineral
Marques (2014)	Refrescos
Tadeu (2016)	água mineral
Galindo (2018)	água mineral

Fonte: Arcego (2019).



Figura 10: *Bottles of minerals*



Fonte: Arcego (2019).

Seguindo o exemplo de *lemonade*, *bottles of minerals*, que literalmente significa garrafas de água mineral, em sete das oito retraduições foi traduzida por água mineral ou garrafas de água mineral. Somente Marques (2014) traduziu essa expressão por “refrescos”. Em relação a essas escolhas tradutórias, cabe ressaltar que, embora as palavras se repitam ao longo do conto, tais escolhas são mantidas a cada nova repetição e que todas essas incidências fazem parte do processo de domesticação. Desta forma, há oito incidências de domesticação, sendo que 87% correspondem à escolha de “água mineral” e 13% de “refrescos”.

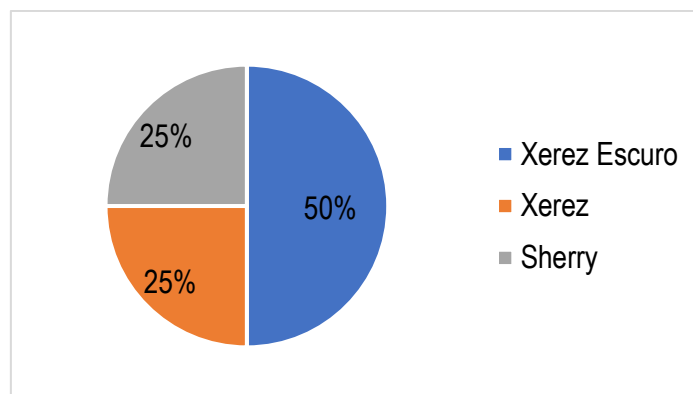


Quadro 11: *Dark sherry* (Joyce, 1996, p. 225)

Tradutor	<i>Dark sherry</i>
Trevisan (1992)	Xerez
O'Shea (1993)	Sherry
Braga (2012)	xerez escuro
O'Shea (2012)	Sherry
Galindo (2013)	xerez escuro
Marques (2014)	Xerez
Tadeu (2016)	xerez escuro
Galindo (2018)	xerez escuro

Fonte: Arcego (2019).

Figura 113: *Dark sherry*



Fonte: Arcego (2019).

Antes de compararmos os resultados encontrados, faz-se necessário discutir a etimologia da palavra. Segundo o *Oxford Learner's Dictionary* (2019, tradução nossa¹⁴), “um vinho fortificado amarelado ou marrom, originário do sul da Espanha e, muitas vezes,

¹⁴ a strong yellow or brown wine, originally from southern Spain. It is often drunk before meals.



bebido antes das refeições.” Além disso, esse vinho possui uma textura diferenciada, é mais licoroso e possui variações como vinagre, amontilhado e conhaque.

O’Shea (1993; 2012) optou pelo processo de estrangeirização em ambas as traduções, traduzindo então “*dark sherry*” por “*sherry*”, omitindo assim a palavra *dark*. Embora *sherry* seja um estrangeirismo, não está grafado em itálico. Trevisan (1992) e Marques (2014) seguem a mesma linha de pensamento de O’Shea (1993; 2012), contudo fazem o uso da domesticação em que optam por “xerez” e omitem o adjetivo “escuro”. Por sua vez, Braga (2012), Galindo (2013; 2018) e Tadeu (2016) traduzem por “xerez escuro”. Então, fica evidente que seis das oito retraduições mais uma vez apresentam o processo de domesticação e apenas duas optam pela estrangeirização. Em porcentagem, “*sherry*” representa 25%, “xerez” 25% e “xerez escuro” 50%.

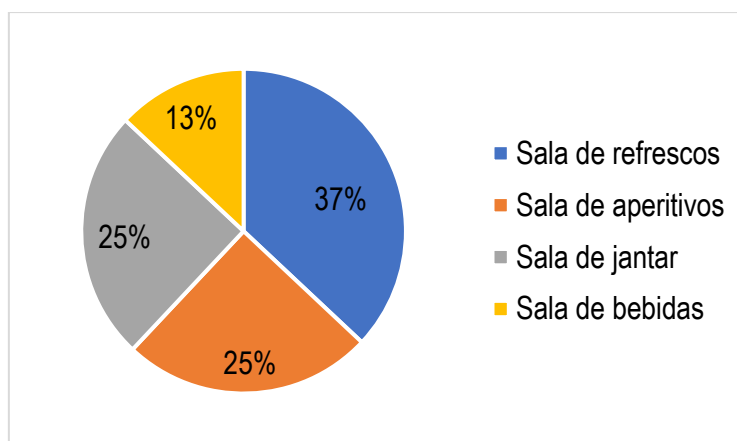
Quadro 12: *Refreshment-room* (Joyce, 1996, p. 212)

Tradutor	<i>refreshment-room</i>
Trevisan (1992)	sala de refrescos
O’Shea (1993)	sala de jantar
Braga (2012)	sala de aperitivos
O’Shea (2012)	sala de jantar
Galindo (2013)	sala de refrescos
Marques (2014)	sala de bebidas
Tadeu (2016)	sala de aperitivos
Galindo (2018)	sala de refrescos

Fonte: Arcego (2019).



Figura 124: *Refreshment-room*



Fonte: Arcego (2019).

Retomando a definição de *refreshment* que se refere a comidas ou bebidas, faz-se necessário entender o vocábulo composto *refreshment-room*. Assim como *refreshment*, o vocábulo *room* possui diferentes acepções, isto é, pode significar sala, quarto, espaço, divisão etc. Portanto torna-se pertinente a escolha tradutória da expressão em inglês *refreshment-room* por sua ambiguidade linguística. Considera-se a gama de traduções que podem existir a partir dessa mesma expressão, compreendendo-a como um lugar ou espaço destinado a bebidas e comidas.

Quando voltado para o contexto do conto *The Dead*, verifica-se que todos os tradutores optaram pelo processo de domesticação. Além disso, a escolha tradutória que teve maior incidência foi “sala de refrescos” e, conforme pode ser visualizado no Quadro 12, representa 37%, sendo extraída de Trevisan (1992) e Galindo (2013; 2018). Enquanto isso, Braga (2012) e Tadeu (2016) optaram por “sala de aperitivos”, representando então 25% das escolhas tradutórias; O’Shea (1993; 2012) optou por “sala de jantar” em suas duas versões, o que contabiliza 25%; e Marques (2014) escolheu “sala de bebidas”,



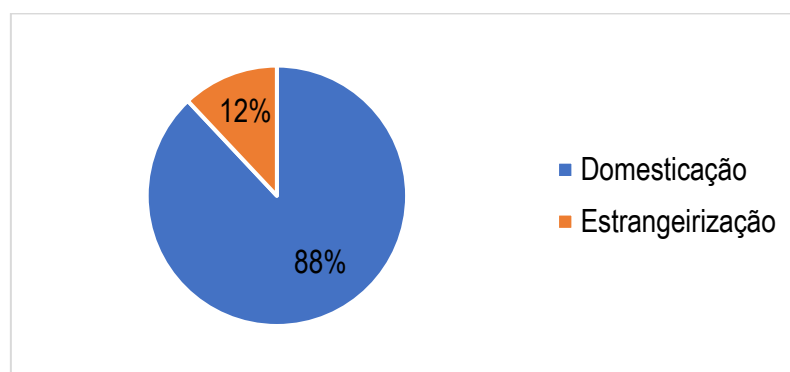
representando 13%.

5 Panorama das escolhas tradutórias

Nesta seção, apresentamos um panorama geral das escolhas tradutórias classificadas entre os métodos domesticadores e estrangeirizadores. Dessa forma, a partir da comparação entre o original em inglês e cada uma das traduções para o português, pudemos averiguar a tendência de cada tradutor.

Como forma de sintetizar os gráficos apresentados, verificamos que houve 88 elementos traduzidos, desconsiderando os *Port* e *Whisky*, já que não os consideramos parte dos processos de domesticação e estrangeirização. Entre as 88 incidências analisadas, observamos 11 casos de estrangeirização, que correspondem a 12% do número total, e 77 casos de domesticação, que correspondem a 88%, conforme podemos constatar na Figura 13.

Figura 135: Domesticação x Estrangeirização

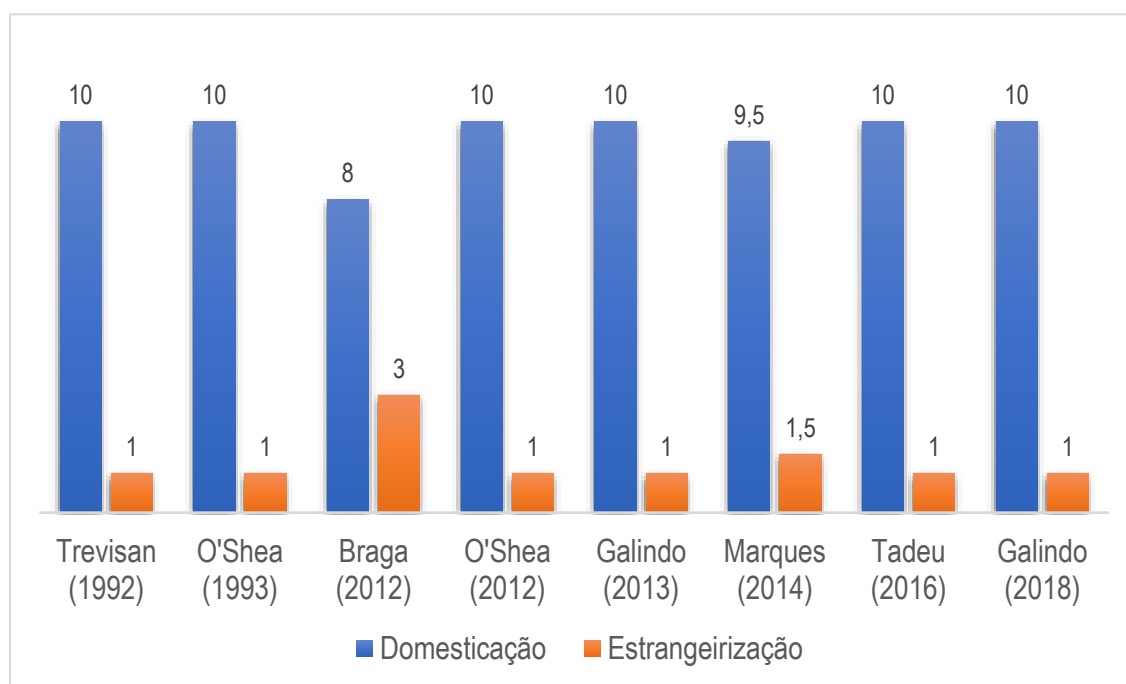


Fonte: Arcego (2019).



Além disso, verificamos as tendências tradutórias mais comuns de cada um dos tradutores. A partir da análise da Figura 14, fica nítido que Braga (2012) é o tradutor que mais apresenta processos estrangeirizadores no conto, seguido por Marques (2014).

Figura 146: Comparativo dos processos tradutórios



Fonte: Arcego (2019)

A partir das análises, pontua-se que o método domesticador é o mais comum entre os tradutores, já que Trevisan (1992), O'Shea (1993; 2012), Galindo (2013; 2018) e Tadeu (2016), de 11 segmentos considerados, optaram pela domesticação em 10 desses casos. Ademais, a representação numérica 1,5 dirigida a Marques (2014) diz respeito ao segmento linguístico *"Bottles of stout and ale"* que apareceu de maneira divergente em uma de suas ocorrências. Por fim, constatamos que houve 88% de domesticação dos culturemas relacionados às bebidas e apenas 12% de estrangeirização.



Considerações finais

Como visto ao longo deste artigo pudemos verificar uma das implicações mais próximas entre a Linguística de *Corpus* e os Estudos da Tradução. É conhecido por nós que existem também diversas outras possibilidades de estudo em meio a essas duas áreas. Levando em conta a importância da Linguística de *Corpus* como ferramenta de auxílio no processo tradutório, buscamos utilizá-la como metodologia de análise a fim de possibilitar maior acurácia no processamento de dados e categorização dos culturemas. No entanto, apesar das dificuldades em encontrar os materiais em formato digital para o presente artigo, buscamos realizar um cotejo entre as duas áreas e dar ênfase a uma análise quantitativa como forma de demonstrar em detalhes os processos de tradução das bebidas do conto *The Dead*.

Por meio das análises, percebemos que houve uma forte incidência de domesticação dos vocábulos. Os motivos para tal são desconhecidos por nós, no entanto foram levantadas hipóteses que estão relacionadas a aspectos temporais ou mesmo arbitrários. Reiteramos, assim, a nossa dificuldade ao caracterizar entre os dois processos tradutórios descritos por Venuti (1995), domesticação e estrangeirização, por tratar-se de uma teoria empregada no contexto estadunidense. Portanto, na análise realizada, foram consultadas outras fontes as quais possibilitaram uma ampliação no entendimento sobre a domesticação e a estrangeirização e adequação dos culturemas ao contexto brasileiro e irlandês.

Verificamos ainda que, conforme inicialmente pensado, no conto *The Dead*, há forte presença de bebidas, e que estas aparecem em diversos momentos. Desse modo, pudemos recolher um material que consideramos representativo para realizar esta análise e que nos permitiu observar o modo como cada tradutor tratou os culturemas.



Por fim, ao apresentarmos os resultados das análises, lembramos que esta pesquisa é de cunho temporal, ou seja, consideraram-se as retraduições feitas até meados de 2019 e que desdobramentos futuros de pesquisa poderão ter resultados diferentes dos encontrados. Citamos como hipótese, as tendências mercadológicas no contexto tradutório e ideologias de tradução.

Referências

- AMARAL, Vitor Alevato do. *Literalmente Joyce: uma Retradução de Dubliners*. 2013. 358 p. Tese (Doutorado) – Curso de Programa Interdisciplinar de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- AMARAL, Vitor Alevato do. Broadening the notion of retranslation. In: *Cadernos de Tradução*, v. 39, 2019. pp. 239-259
- ARCEGO, Emily. *Uma análise quantitativa do corpus de bebidas do conto “the dead” de James Joyce*. 2019. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.
- BAKER, Mona. *Corpus Linguistics and translation studies: implications and application*. In: Baker, Mona; Francis, Gill; Tognini-Bonelli, Elena (Eds.). *Text and technology: in honour of John Sinclair*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1993. p. 233-250.
- BAKER, Mona. *Corpora in Translation Studies: an overview and some suggestions for future research*. *Target*, v. 7, n. 2, p. 223-243, 1995.
- BERBER Sardinha, A. *Linguística de corpus*. Barueri: Manole, 2004.
- BOTTMANN, Denise. *Não gosto de plágio*. Blog. Disponível em: <http://naogostodeplagio.blogspot.com.br>. Acesso em: 25 dez. 2021.
- GIFFORD, Don. *Joyce Annotated Notes for Dubliners and A Portrait of the Artist as a Young Man*, Revised and Enlarged. California: University of California Press, 1981.
- JACKSON, JOHN WYSE; MCGINLEY, BERNARD. *JAMES JOYCE'S DUBLINERS: AN ANNOTATED EDITION*. GREAT BRITAIN: BPC HAZEL BOOKS LTD, 1993.
- JOYCE, James. *Dublinenses*. Trad. Caetano W. Galindo. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.



- JOYCE, James. *Dublinenses*. Trad. Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: L&PM, 2012b.
- JOYCE, James. *Dublinenses*. Trad. Hamilton Trevisan. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.
- JOYCE, James. *Dublinenses*. Trad. José Roberto O’Shea. São Paulo: Hedra, 2012a.
- JOYCE, James. *Dublinenses*. Trad. José Roberto O’Shea. São Paulo: Siciliano, 1993.
- JOYCE, James. *Dublinenses*. Trad. Caetano W. Galindo. São Paulo: Penguin, 2018.
- JOYCE, James. *Os Mortos*. Trad. Eduardo Marks de Marques. São Paulo: Grua Livros, 2014.
- JOYCE, James. *Os Mortos*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- LIMONADA. In.: *Dicio*, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/limonada/>>. Acesso em: 25 dez. 2021.
- LUQUE NADAL, Lucía. Los culturemas: ¿unidades lingüísticas, ideológicas o culturales? In: *Language Design: Journal Of Theoretical And Experimental Linguistics*. Barcelona, pp. 93-120. out. 2009. Disponível em: <<https://ddd.uab.cat/record/164099>>. Acesso em: 25 dez. 2021.
- REFRESHMENT. In.: *Oxford Learner’s Dictionary*. Oxford: OUP, 2019. Disponível em: <<https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/refreshment?q=refreshment>>. Acesso em: 25 dez. 2021.
- BERBER SARDINHA, Tony. *Corpora eletrônicos na pesquisa em tradução*. Cadernos de Tradução, Florianópolis, v. 1, n. 9, p. 15-59, jan. 2002. ISSN 2175-7968. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5980/5684>>. Acesso em: 25 fev. 2022. doi:<https://doi.org/10.5007/%x>.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich Daniel Ernest. Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens / Sobre os diferentes métodos da tradução. Trad. Celso R. Braidá. In: Heidermann, Werner (ed.). *Clássicos da Teoria da Tradução*. Vol. 1: Alemão/Português. 2a. ed. revisada e ampliada. Florianópolis: UFSC, 2010. pg. 38-101
- SHERRY. In.: *Oxford Learner’s Dictionary*. Oxford: OUP, 2019. Disponível em: <<https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/sherry?q=sherry>>. Acesso em 25 dez. 2021.



Departamento de Letras
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –
CEP 317131-001 - Brasil

TAGNIN, Stella E. O. A Linguística de Corpus na e para a Tradução. In: VIANA, Vander; TAGNIN, Stella E. O. (org.). *Corpora na Tradução*. São Paulo: Hub Editorial, 2015. p. 19-56.

VENUTI, Lawrence. *The translator's invisibility: a history of translation*. Londres e Nova York: Routledge, 1995.



Analysis of translations of beverages found on the short story “The dead”, written by James Joyce

Maria Cândida Figueiredo Moura da Silva

Emily Arcego

Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa
Catarina (PGET – UFSC)

Abstract

Beverages have an important representativeness in the Irish culture and can be considered as an intrinsic element, in other words, a cultureme. This article is based on a linguistic quantitative analysis, using the beverages vocabulary from James Joyce's short story called *The Dead* (1914). Thus, it was possible to verify whether there was a greater incidence of domestication or foreignization when it comes to the translation of the culturemes from English to Brazilian Portuguese. The linguistic corpus composition occurred manually and was extracted from Joyce's short story translations that happened until mid-2019. Finally, the following retranlations are part of this research: Trevisan (1992), O'Shea (1993; 2012), Braga (2012), Galindo (2013; 2018), Marques (2014) and Tadeu (2016).

Keywords: James Joyce. *The Dead*. Corpus Linguistics. Domestication. Foreignization.



Análisis de las traducciones de bebidas encontradas en el cuento “The dead” de James Joyce

Maria Cândida Figueiredo Moura da Silva

Emily Arcego

Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET – UFSC)

Resumen

Las bebidas tienen representatividad en la cultura irlandesa y están inscritas como un rasgo intrínseco a esta cultura, es decir, un culturema. Este artículo busca realizar un análisis lingüístico cuantitativo del vocabulario de bebidas del cuento *The Dead* (1914) de James Joyce. A través de este corpus fue posible verificar si hubo una mayor incidencia de domesticación o extranjerización de los culturemas al ser traducidos al portugués brasileño. Es de destacar que la composición de este corpus lingüístico se produjo de forma manual y se extrajo de las traducciones del cuento de Joyce realizadas hasta mediados de 2019. Este análisis incluye las retraducciones de Trevisan (1992), O'Shea (1993; 2012), Braga (2012), Galindo (2013; 2018), Marques (2014) y Tadeu (2016).

Palavras clave: James Joyce *The Dead*. lingüística de Corpus. Domesticación. Extranjerización.